

DESMONUMENTOS NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

Monumento Mínimo

Itinerância e nomadismo - Relato de experiência

Nele Azevedo

**Artista plástica e Mestra em Artes Visuais pela
Universidade de São Paulo**

Desde 2001 desenvolvo um trabalho com intervenções em espaços públicos de diferentes cidades e países. Centenas, eventualmente, milhares de pequenas figuras de homens e mulheres fundidas em gelo, com cerca de 20 cm, são levadas a locais centrais das cidades e postas a derreter pela população local. Esta ação intitula-se *Monumento Mínimo* e está ligada ao conceito de Monumento de modo crítico - funciona como um antimonumento. O ponto de partida do *Monumento Mínimo* aconteceu no momento da montagem de uma exposição individual na Capela do Morumbi (São Paulo) em outubro 1999. Eu expus dentro da Capela um conjunto de esculturas fundidas em ferro. Uma série de figuras humanas compridas e alongadas. Do lado de fora da capela, fixei duas pequenas esculturas também em ferro fundido, nas grades limites entre a capela e a Avenida Morumbi - duas figuras de mulheres medindo cerca de 20 cm de altura, como um monumento, contemplavam a avenida. Ao ver contraposição entre a dimensão mínima das esculturas e o aberto da cidade dei início a uma pesquisa sobre os Monumentos, sobre o espaço público e o espaço privado. A decisão de atuar na cidade consolidou-se e tomou corpo nesse momento. A pesquisa foi desenvolvida na dissertação de mestrado no Instituto de Artes da UNESP propondo o Mínimo como Monumento (2000/2003). As esculturas começaram em ferro, passaram ao barro, ao gesso, à resina, ao vidro e, finalmente, ao gelo.

Durante três anos, pesquisei materiais que pudessesem acentuar a fragilidade do humano diante das cidades e das instituições que ele mesmo constrói. Nós vivemos num país tropical que está sempre em construção, com vocação para o moderno e sem tradição - "Aqui tudo parece que ainda é construção e já é ruína" como canta o Caetano em Fora da Ordem. Trabalhar com o precário, com o efêmero, me pareceu traduzir esse estado de construção e destruição permanentes de nossa história. Encontrei nos Monumentos públicos uma síntese de minha inquietação: a celebração histórica muito longe do sujeito comum. Busquei uma conciliação entre a esfera pública e a esfera privada, entre o eu subjetivo e a cidade. Propus o Monumento Mínimo como um antimonumento. Subverti uma a uma as características dos monumentos oficiais. No lugar da escala grandiosa, monumental, largamente utilizada como ostentação de grandeza e poder, propus uma escala mínima. No lugar do rosto do herói da história oficial, uma homenagem ao observador anônimo, ao transeunte, que se identifica com o processo, numa espécie de celebração da vida, do reconhecimento do trágico, do heroico que há em cada trajetória humana. No lugar de materiais duradouros, propus as esculturas em gelo que duram cerca de trinta minutos - não cristalizam a memória, nem separam a morte da vida. Elas ganham fluidez, movimento e resgata uma função original do monumento: lembrar que morremos.

Além de desaparecer, ao se contrapor à fruição pública permanente da escultura tradicionalmente estática o Monumento Mínimo pode ser entendido como arte que se constitui na presença - é preciso estar no lugar e na hora do acontecimento. A experiência com a colocação e com o derretimento das esculturas em gelo é pública, porém, pessoal, presencial, intransferível. A memória fica inscrita no sujeito que viu. Percorri anonimamente nove cidades - Campinas, São Paulo, Brasília, Salvador e Curitiba no Brasil. Também em Havana-Cuba, Cidade do México e Tóquio e Quioto no Japão. Estudei suas histórias, pesquisei seus locais de importância histórica, arquitetônica ou, simplesmente, de grande circulação local. Carregava as esculturas em gelo em uma sacola térmica. Colocava uma a uma nos lugares previamente escolhidos e registrava o processo em fotografia. Algumas pessoas se acercavam, se emocionavam, tinham reações que só eu presenciava. Eram ações anônimas e absolutamente solitárias.

Do individual ao coletivo

Realizei a primeira grande intervenção no dia sete de abril de 2005, com apoio do SESC do Carmo. Foram trezentas esculturas em gelo nas escadarias que dão passagem para o metrô na Praça da Sé, marco zero da cidade de São Paulo, ao meio dia, sob um sol de 30 graus. Foi um acontecimento! Aquilo que eu presenciaava nas ações solitárias e anônimas nas cidades,



Foto Acervo Pessoal Nele Azevedo

anteriormente, percorridas, ganhou uma dimensão coletiva, se potencializou tanto na força plástica do conjunto das esculturas, quanto na reação do público: uma multidão acercou-se e participou da intervenção. Nesta dimensão coletiva, a experiência do derretimento ganhou potência, provocou de fato uma suspensão poética no cotidiano da cidade - aproximou-se o rito. A ação deixou de ser anônima. A mídia fez uma grande cobertura. As imagens do Monumento Mínimo foram divulgadas, não no caderno de artes, mas como intervenção no cotidiano da cidade em quase todos os jornais impressos de São Paulo e diversas emissoras de televisão transmitiram ao vivo a intervenção. No mesmo ano de 2005, ele foi realizado em Paris, na Praça da Ópera e na Mairie du 9ème. O Monumento Mínimo passou a ser chamado internacionalmente: Cidade do Porto e Braunschweig, em 2006, Florença, em 2008, Berlim, em 2009. Ele abriu a Bienal de Stavanger na Noruega, em 2010 e, em 2012, foi apresentado em Amsterdam, Santiago do Chile e Belfast, na Irlanda do Norte.

Espaço e contextos novos

Apesar de muitas intervenções realizadas, elas nunca foram repetitivas. O desafio do espaço e do contexto é sempre novo. A experiência do derretimento compartilhada coletivamente é de fato renovadora e não se repete. Em Florença, por exemplo, nós iniciamos a produção com a colaboração dos diretores, coordenadores do *Albergo Popolare La Fenice* e de estudantes voluntários. Este *Albergo* funciona em um ex convento que ocupa quase um quarteirão. Atende e abriga pessoas que necessitam de ajuda: ex usuários de drogas, ex alcoólatras, ex presidiários, imigrantes sem teto, enfim os que estão nas margens. Produzimos 1200 esculturas. Não contávamos com nenhum suporte de divulgação da intervenção, mas por puro acaso e com ele a nosso favor, no dia 21 de outubro, marcado para a intervenção, havia uma enorme manifestação contra a privatização do ensino na Itália. As ruas de Florença foram tomadas e a *Piazza della Santissima Annunziata* reunia 40.000 pessoas no momento da ação. Os manifestantes incorporaram-na como parte de sua manifestação, distribuíram em menos de cinco minutos as 1200 esculturas nas escadarias do *Istituto degli Innocenti* - dizendo: "isto é o que acontece com o ensino público na Itália, está desaparecendo". Toda imprensa acompanhou a contraposição do derretimento das pequenas figuras sentadas nas escadarias de um edifício construído para a eternidade, por Brunelleschi na Renascença italiana - metáfora do derretimento do homem e suas instituições - as imagens foram para o mundo. O jornal *La Repubblica* noticiou a *Manifestazione* com um destaque *Finale poético (e amaro) com gli omini di*

ghiaccio. A partir da circulação dessas imagens da intervenção em Florença, ele começou a ser relacionado como tema da mudança climática. Bem, eu criei o Monumento Mínimo pensando em propor outro monumento, um monumento a contrapelo que levasse em conta a história dos vencidos, dos anônimos, que trouxesse em evidência a nossa condição de mortal. Pensei também no exercício da ocupação do espaço público. Mas, ele encontrou uma questão no mundo, a questão ambiental - que se tornou um tema mais difundido nos últimos 5 anos - então ele vem sendo lido também como alerta dos perigos do aquecimento global e de nosso consequente desaparecimento do planeta. Sua afinidade com o tema é evidente. A interação com o público é sempre muito forte em qualquer país e é ela que realmente alimenta o trabalho e a mim mesma. Gosto mesmo do desafio que o espaço provoca porque nenhum espaço é neutro, nem o da rua nem o da galeria. Ele é sempre carregado de significados, história, relações, etc.

Leitura em aberto

Durante o ano de 2012, eu atendi a três diferentes convites que fizeram leituras muito diferentes do trabalho: em 15 de abril, participei de um festival de performances - o FLAM em Amsterdam na Holanda. Ali, ele foi apresentado e entendido como uma performance dentro do campo da arte contemporânea, na praça SPUI. Em 21 de agosto, ele foi chamado a abrir a jornada de Direito Ambiental da Faculdade de Direito, da Universidade Pública de Santiago do Chile, em 2012. Sua leitura ficou diretamente ligada à questão ambiental.

Já em 21 de outubro do mesmo ano, em Belfast, na Irlanda do Norte, ele foi chamado a lembrar o trágico acidente do Titanic, ocorrido em 15 de abril de 1912. Ele foi reverenciado e compreendido como um tributo aos 1517 mortos. Nas escadarias de Custom House Square, pela primeira vez, ele cumpriu esta função original do monumento de homenagem aos mortos. Fiquei feliz com essa leitura aberta e plural: um monumento líquido para tempos líquidos...



Foto Acervo Pessoal Nele Azevedo



Foto Acervo Pessoal Nele Azevedo

Meu corpo como história

Em fevereiro de 2013, a exposição alemã ZNE zur nachahmung empfohlen! expeditionen in ästhetik und nachhaltigkeit, da qual participo como artista convidada, desde sua abertura, em 03 de setembro de 2010, no Uferhallen em Berlim, esteve presente no Memorial da America Latina em São Paulo no período de 21 de fevereiro a 07 de abril. Na abertura da exposição, em 21 de fevereiro, eu pude finalmente realizar uma intervenção específica para o Memorial: quatrocentas esculturas em gelo e uma escultura feita com o meu próprio sangue criando um diálogo com a escultura “Mão” de Oscar Niemeyer com o desenho do mapa da América Latina em vermelho. Como meu corpo é história e a história é escrita com o sangue de muitos, ele está completamente implicado na história da América, no desaparecimento de povos indígenas, nas questões contemporâneas de nossa existência. A escultura em sangue acentuou o caráter ritualístico, sacrificial e, ao mesmo tempo, epifânico do Monumento Mínimo. Por fim, penso que o Monumento Mínimo* se situa dentro das ações urbanas realizadas por vários artistas/ativistas que em diferentes cidades e países buscam um gesto novo na tentativa de abrir novos modos de habitar o mundo.

*Outros trabalhos podem ser conhecidos no meu endereço www.neleazevedo.com.br